

FORA DOS CARRIS

COMBOIO



Fig.1 - Linha do Tâmega, uma das visadas pelo critério de fecho parcial em 01 de Janeiro de 1990

Era 1 de Janeiro de 1990 quando a então CP *decidiu* pela amputação de certas linhas de caminho de ferro de «via estreita», a norte do Rio Douro: Linha do Tâmega, Linha do Corgo e Linha do Tua (a Linha do Vouga, mais a Sul, foi também integrada nessa decisão);

Não obstante a criação de comissões e associações, o envio de missivas aos órgãos de soberania, um generalizado nojo das populações servidas ou não pelos comboios então desaparecidos, promessas de partidos políticos e, até, o interesse concreto e real de pessoas em chamar a si a responsabilidade de rentabilizar pela via do turismo (algumas) destas linhas, o que se viu nos últimos anos foi a delapidação do património existente, quer por actos de vandalismo, quer mesmo pelos «donos» das linhas, que autorizaram a certa altura o levantamento das mesmas;

Sabendo que «...as iniciativas de animação postas em marcha até agora na região do Douro, têm tido nos cruzeiros no rio Douro, nos "comboios históricos", no Parque Arqueológico do Vale do Côa, ou na Rota do Vinho do Porto, algumas das suas realizações mais apelativas e de maior expressão e os seus impulsionadores mais dinâmicos¹».

Conhecendo ter havido um crescendo de 40% em relação a 2003 e que 2004 é o ano em que 110 000 passageiros procuraram os comboios históricos do Douro;

¹ In 1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS, AMBIENTE E USOS DO TERRITÓRIO
O Turismo Activo como Oportunidade para o Desenvolvimento de Iniciativas Empresariais em Zonas Rurais: uma Análise Exploratória a partir da região do Douro de Paulo Jacinto e Manuela Ribeiro

Parece-me ser legítimo perguntarmo-nos somente: porquê?

«ELÉCTRICO»



Fig. 2 - Eléctrico vivo espera pela hora de partida junto à Igreja de S. Francisco no Porto (Linha 1E – Passeio Alegre - Infante)

Não tenho veleidade de conhecer as motivações de quem se faz transportar numa *linha histórica* a vapor ou *Diesel*, de comboio, metro ou *eléctrico*. Nem mesmo ousou explicar a razão porque na Corunha, cidade bem ao Norte da Galiza, foi reconstruída de raiz com términus junto à Torre de Hércules, uma linha de *eléctricos*, bem ao sabor dos nossos de Lisboa, Sintra e Porto (infelizmente desaparecidos em Coimbra) que convidam pessoas a maravilhar-se com a (infelizmente) curta viagem de ida e volta;

Aplaudo, incrédulo, que o Porto, à custa de uma requalificação que devolveu à cidade a dignidade urbana que vinha perdendo, sob égide da capital europeia da cultura (corria o ano da graça de 2001), tenha sabido «pôr na linha» os eléctricos, tendo igualmente e de raiz espalhado com inteligência e bondade os trilhos na cidade para gáudio de quem procura este transporte com que o Porto necessariamente se identifica;

Mantenho a esperança de poder brevemente subir o funicular dos Guindais (no Porto) e ter no seu *terminus* um carro eléctrico à minha espera que me leve até à Cordoaria, num momento único de devolução do eléctrico ao centro da cidade (faltam poucos metros para que as linhas se unam...);

Mas temo que, a exemplo do viaduto do Parque da Cidade, alguém se lembre de levantar carris e catenárias sem mais explicações, desbaratando o investimento feito que, independentemente do financiamento externo, é do erário público, logo dos cidadãos.

Lamento que (pela segunda vez) a cidade de Matosinhos não veja de novo passar os eléctricos, e não possa ser a 5ª cidade da Península Ibérica a tirar o proveito de os ter nos seus postais turísticos;

Move-me o direito (dever?) de cidadania para protestar com veemência e fazer compartilhar meus receios com todos os que respeitam o nosso património, enquanto identidade (cultural e etnográfica) de Portugal.

METRO



Assentamento da (nova) linha do Metro do Porto para lá de Pedras Rubras (10-04-2005), ainda por estrear, naquele que era o terreno da linha (estreita) da Póvoa.

Artigo de um jornal dentro de 10 anos:

«O entusiasmo levou à cegueira. Achando que este era o (único) transporte possível de oferecer aos potenciais utentes semeou a «Metro do Porto» em 2005 pela cidade infinitos corredores de carris (veja-se o Hospital de S. João e a Avenida da Boavista), terminando de vez com a flexibilidade possível do trânsito automóvel, fazendo-nos hoje pagar uma muito elevada factura(...)»

Algo anda fora dos carris...